



A paz que nos foi confiada

Carta aos irmãos
JANEIRO 2026

Caros Irmãos e Irmãs Escolápios:
Uma palavra tão desejada quanto frágil: PAZ

Uma das palavras mais pronunciadas, e ainda assim mais feridas, de nosso tempo. Invocamo-la no Natal, desejamo-la em discursos, aqueles que sofrem clamam por ela... mas, com muita frequência, ela permanece ausente de nossas vidas e de nossa convivência.

A paz ressoa insistentemente hoje, mas com pouco poder conciliador, em **um mundo assolado por múltiplos conflitos**, por tensões sociais persistentes, por polarizações que corroem a convivência e por violências, por vezes silenciosas, que se infiltram no cotidiano. O Papa Francisco falou lucidamente de *uma terceira guerra mundial a pedaços*¹, e essa expressão continua a descrever com precisão o nosso tempo. Nem mesmo o Natal consegue agora impor armistícios. Vivemos assim, rodeados de conflitos que nos habituam ao ruído, à desconfiança, a um mal-estar latente que acaba por se instalar nos nossos corações e pode transformar-se em medo, um companheiro terrível, sobretudo quando nos é pedido que temos que discernir e tomar decisões em comum, mesmo quando se trata de votar.

Perante esse panorama, não é por acaso que, **para o Papa Leão XIV, a paz seja tema central no seu pontificado**, desde a tarde da sua eleição como Bispo de Roma. Ele recorda-nos que a saudação pascal de Jesus, *“A paz esteja convosco!”*, *não só a deseja, também provoca uma mudança definitiva em quem a recebe e, dessa forma, em toda a realidade*². É, por isso, que fala da mais silenciosa das revoluções, repetida todos os dias pela Igreja em todo o mundo.

1. Discurso do Papa Francisco ao Conselho de Segurança das Nações Unidas, 14 de junho de 2023. 2.- Mensagem do Papa Leão XIV para o 59º Dia Mundial da Paz. <https://press.vatican.va/content/salastampa/es/bollettino/pubblico/2025/12/18/181225a0.html>

A verdadeira paz não nasce de fórmulas teóricas, **mas da experiência de quem a vive em contextos reais**, feridos, e a sustenta com humilde esperança.

Em que momentos temos experimentado que, mesmo falando de paz, os nossos corações permanecem inquietos e as nossas relações sofrem?

No Natal, Jesus, o Príncipe da Paz

O Natal nos introduz um paradoxo: somos informados do cumprimento da profecia de Isaías, em que Jesus é apresentado como o Príncipe da Paz (Sar Shalom), e, no entanto, o contraste é evidente. Ele não nasce em um mundo pacífico, nem traz uma paz imposta ou um triunfo aparente. Ele nasce na fragilidade, na periferia, na intempérie.

A paz cristã não começa eliminando o conflito; **começa por vivê-lo de forma diferente**. A paz do Evangelho diz respeito a um modo de ser, não apenas a uma situação externa.

1º de janeiro, a paz como uma tarefa confiada

Não é por acaso, nem meramente simbólico, que a Igreja escolheu colocar o Dia Mundial da Paz no primeiro dia do ano. Começar o calendário dessa forma **é uma escolha profundamente educativa e espiritual**. Desde que São Paulo VI instituiu esse dia, a Igreja tem procurado oferecer um gesto simples, mas eloquente: colocar a paz no limiar da nova era, como um horizonte para o qual somos chamados a caminhar desde o primeiro dia, e como um princípio orientador. Celebrá-lo juntamente com a Solenidade de Maria, Mãe de Deus, reforça ainda mais o seu significado.

A paz não é apenas um dom; é uma **tarefa que nos foi confiada**. Leão XIV nos lembra que, antes de ser uma meta, a paz é uma presença e um caminho. E mais: *se a paz não for uma realidade vivida, a ser guardada e cultivada, a agressão se espalha na vida doméstica e pública*.

A paz não é meramente a ausência de guerra: é **shalom**³, integridade, plenitude, harmonia, uma vida reconciliada consigo mesma, com os outros e com Deus.

Se a Igreja nos convida a começar o ano colocando a paz no centro, é bom que nos perguntemos: como podem as nossas vidas, o nosso estilo educativo e a nossa presença diária tornar-se **um verdadeiro ato de reconciliação** comunitária e social, de transformação, capaz de abrir caminhos para a convivência onde hoje há fragmentação?

Não há paz sem justiça, porque toda convivência ferida exige, em última instância, reparação e equidade. Não há paz sem cuidado com o outro, porque onde o nosso próximo é ignorado ou descartado, a violência encontra sempre terreno

fértil. Não há paz sem verdade, porque a mentira e a negação acabam por corroer qualquer tentativa de reconciliação. Toda a paz social, comunitária ou institucional torna-se frágil e sofre quando não está ancorada em algo mais profundo que a sustente.

A paz do coração

Chegamos a um ponto de viragem decisivo: **da paz que almejamos no exterior para a paz que somos chamados a cultivar no interior**. Não se trata de as opor, mas de reconhecer que toda a paz visível enfraquece quando o coração permanece perturbado.

Vivemos em tempos marcados pela eficiência (tão eficiente que parece não ter fim): agendas lotadas, listas intermináveis de tarefas, caixas de entrada que nunca se esvaziam, compromissos e projetos que se acumulam implacavelmente.

E então surge a pergunta, não como uma repreensão, mas como um desafio sincero: **quanta paz habita nos nossos corações hoje?**

Um jovem me perguntou com uma clareza que não consigo esquecer: **como é possível que, como pessoas de oração, enraizadas em comunidades e com processos de formação cuidadosamente cultivados, às vezes, demonstramos tão pouca paz em nossos rostos e na convivência cotidiana?** Essa pergunta ainda me assombra.

Se um coração não está em paz interiormente, como pode irradiar paz exteriormente? Que paz pode transmitir alguém que a comprometeu em nome da pressa e do estresse diários?

Isso é perceptível não apenas nas comunidades, mas também nas escolas, nas casas de formação e, até mesmo, em uma simples reunião: quem nunca sentiu como uma expressão tensa impede a escuta atenta? Em reuniões online, onde a comunicação se reduz quase que inteiramente ao rosto e à voz, esse efeito se torna ainda mais evidente. Um gesto, um olhar, uma tensão mal disfarçada pode bloquear o diálogo ou, inversamente, abrir um espaço de confiança. Não estou falando de um sorriso fácil ou de uma alegria superficial. Falo de **paz interior**, aquela que não é fingida, mas que brota quando o coração encontra seu equilíbrio.

A paz segundo a Dilexit nos: um coração unificado

O Papa Francisco recorda-nos na *Dilexit nos* que um coração unido ao de Cristo também transforma as nossas relações. Como escreve: “As nossas comunidades só poderão unir os seus diversos intelectos e vontades a partir do coração e pacificá-los para que o Espírito nos guie como uma rede de irmãos e irmãs, uma vez que a pacificação é também uma tarefa do coração... e construir neste mundo o

3.- O significado original de Shalom (שָׁלוֹם) é integridade, solidez ou restauração.

Reino do amor e da justiça. O nosso coração unido ao de Cristo é capaz desse milagre social”⁴.

Um coração pacificado não é um coração anestesiado, nem está desvinculado da luta interior. A paz não consiste na ausência de conflito, mas no caminho para uma reconciliação profunda, num coração que regressa ao seu centro e se ancora no amor de Jesus. Quando isso acontece, a tempestade exterior não desaparece, mas deixa de nos submergir. Só quando a paz habita no coração é que pode começar a habitar o mundo.

Ressonância Mística: Guardando o Coração

A tradição dos Padres do Deserto, com seu ensinamento sobre a guarda do coração (nepsis⁵), nos lembra que a paz interior não é automática, mas algo que se cultiva. Não se trata de negar o próprio mundo interior, mas de aprender a vigiar os movimentos do coração: interrompendo os pensamentos que o perturbam e desordenam, e acolhendo aqueles que conduzem à verdade, ao amor e a uma maior unificação interior.

São José Calasanz viveu em meio a prolongadas provações, incompreensões e autênticas perseguições sofridas por sua própria Ordem, e ainda assim seu coração permaneceu sereno. Não porque não houvesse conflito (havia, e conflitos muito severos), mas porque ele aprendeu a custodiar seu centro e a não deixar que a tempestade externa lhe roubasse a paz interior.

Dessa experiência, surgem palavras de surpreendente relevância pastoral e espiritual: *Exorto-vos, tanto quanto sei e posso, que por mais grave que seja o acontecimento, não percais a vossa paz interior, mas sim vos esforceis por manter sempre o vosso coração calmo e unido a Deus, recorrendo à oração quando estiverdes mais aflitos, pois é então que o Senhor costuma acalmar a tempestade no mar.*⁶

Essa é uma paz que não elimina as provações, mas impede que essas desloquem o coração do seu verdadeiro centro.

Estamos dispostos a ser sentinelas dos nossos próprios corações? A que pensamentos, silêncios ou medos damos voz e quais pensamentos afastamos?

Uma paz que é contagiante

A paz não se proclama apenas com palavras. Transmite-se através da presença, do estilo, do olhar e do acompanhamento. É contagiante quando alguém sabe estar em paz consigo mesmo e oferece esse dom com simplicidade, não como algo próprio, mas como um dom de Jesus. Essa paz não é improvisada;

4.- Número 28, Papa Francisco, Carta Encíclica Dilexit nos, sobre o amor humano e divino do coração de Jesus Cristo.

5.- Nepsis, do grego: νηψις, designa vigilância interior e sobriedade de coração. Vem do mandamento bíblico de ser sóbrio e vigilante em 1 Pedro 5:8, e expressa a arte espiritual de guardar os próprios pensamentos à porta do coração.

6.- José Calasanz, Opera Omnia 2, p. 324.

aprende-se e nutre-se na realidade concreta da vida partilhada. Nossas comunidades e equipes de trabalho são chamadas a ser verdadeiros lugares de aprendizado sobre a paz, onde a escuta, a gestão de conflitos, o respeito e a reconciliação são praticados. Onde quer que as pessoas aprendam a viver dessa maneira, a paz começa a circular e se torna visível.

Nesse sentido, nossas comunidades e espaços de convivência podem se tornar, com humildade e realismo, autênticos lugares de paz, onde os gestos são cuidadosamente ponderados, oportunidades explícitas são criadas para expressar tensões respeitosamente e a verdade de nossos relacionamentos é preservada mesmo em meio à discordância.

Portanto, gostaria de fazer um convite: Que práticas, dinâmicas ou experiências realmente nos ajudam a crescer nessa dimensão? Que oficinas, propostas ou caminhos simples poderiam nos ajudar a fazer de nossas Escolas Pias um lugar onde a paz não seja apenas desejada, mas também aprendida, praticada e transmitida?

Gostaria de concluir, confiando a vocês uma das palavras mais antigas e belas das Escrituras, proclamada precisamente na liturgia de 1º de janeiro, a bênção de Aarão. Não se trata de um desejo bem-intencionado, É uma palavra eficaz, proferida para ser recebida e acolhida, capaz de colocar a vida sob o olhar de Deus. Seu poder é imenso, porque não promete a ausência de dificuldades, mas a presença fiel do Senhor em meio a elas.

O Senhor te abençoe e te guarde;

*o Senhor faça resplandecer o seu
rosto sobre ti e te conceda sua graça.*

*O Senhor volte para ti o seu rosto e te dê a paz*⁷

Amém.

Com afeto e em comunhão,

Pe. Carles, Sch. P.

1º de janeiro de 2026, Solenidade de Maria, Mãe de Deus, 59º Dia Mundial da Paz, a caminho de Bangalore, Índia.

7.- Números 6:24-26.